S.O.S POESIA – Renato Rezende e Dirk Vollenbroich

MAR – Museu de Arte do Rio - RJ | 7 de março até 5 de abril

Por Marisa Flórido César

Luminar, 2015

São versos que fulgem nas janelas de um dos edifícios do MAR, o palacete D. João VI. Poemas de brasileiros em código Morse que falam da cidade que os abriga e os expele: o Rio de Janeiro. Cidade de afetos e violências, de resistências e expropriações vorazes (das memórias e dos lugares, das matas e das gentes, dos convívios e das solidões). Escritos em luz sobre a epiderme do edifício, eles fulguram além de fronteiras do museu: quiçá alcancem as cidades além-mar, os navios estrangeiros que passam ou aportam no cais em frente, com suas línguas estrangeiras, com suas Babéis flutuantes. Tal foi a promessa do telégrafo e de sua escrita à distância, sua tele-graphia: criar uma língua universal, traduzida em um código de sinais. A Babel tecnológica, movida ao *on/off* das ligações elétricas, dissolvia as distâncias do espaço, comprimia o tempo na velocidade da luz, transformava a modalidade da presença – bastavam alguns toques, para que a mensagem sobre o aqui chegasse velozmente àquele que não está em imediata proximidade. São telégrafos, essas máquinas que estão nos primórdios das tecnologias de comunicação à distância e da codificação extrema.

Como então fala o poema por meio de um alfabeto universal? Não seria a poesia justo esse quebrar de códigos, esse assalto à linguagem, escavando-a de silêncios e sopros, de balbucios e suspensões, de rimas e cesuras? A poesia "não vive senão na tensão entre som e sentido", diria Agamben, na contradição entre os sinais sonoros e gráficos e o sentido semântico. A poesia não vive senão dessa falha, dessa não coincidência. Indeterminável que oscila entre a promessa de uma língua originária, da arché da palavra como comunicabilidade universal e inequívoca, e sua fração de silêncio e segredo? Quem convoca o socorro e para quem? A cidade, a arte, a poesia? O cidadão, o artista, o poeta? Entre a Babel e sua queda, SOS Poesia nos segreda o óbvio: entre epifanias e a vertigens, não há amparo no poema. Não há socorro, talvez apenas o prazer agudo de nele cair.